

2) Autoridade e Interpretação das Escrituras

O Magistério e a Tradição

“O ofício de interpretar autenticamente a Palavra de Deus escrita ou transmitida foi confiado unicamente ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade se exerce em nome de Cristo, isto é, foi confiado aos bispos em comunhão com o sucessor de Pedro, o bispo de Roma”¹.

“O Magistério da Igreja empenha plenamente a autoridade que recebeu de Cristo quando define dogmas, quando, utilizando uma forma que obriga o povo cristão a uma adesão irrevogável da fé, propõe verdades contidas na Revelação divina ou verdades que com estas têm uma conexão necessária”².

“O conjunto dos fiéis não pode enganar-se no ato de fé. E manifesta esta sua peculiar propriedade mediante o senso sobrenatural da fé de todo o povo, quando, desde os bispos até o último dos fiéis leigos, apresenta um consenso universal sobre questões de fé e costumes”³.

“Para que o Evangelho sempre se conservasse inalterado e vivo na Igreja, os apóstolos deixaram como sucessores os bispos, a eles transmitindo seu próprio encargo de Magistério. Com efeito, a pregação apostólica, que é expressa de modo especial nos livros inspirados, devia conservar-se por uma sucessão contínua até a consumação dos tempos”⁴.

“Esta transmissão viva, realizada no Espírito Santo, é chamada de Tradição enquanto distinta da Sagrada Escritura, embora intimamente ligada a ela. Por meio da Tradição, a Igreja, em sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que ela é, tudo o que crê...”⁵.

Princípios de Interpretação

- 1) Deus é o autor da Sagrada Escritura...
- 2) Deus inspirou os autores humanos dos livros sagrados...
- 3) Os livros inspirados ensinam a verdade...⁶

“Para descobrir *a intenção dos autores sagrados*, há que se levar em conta as condições da época e da cultura deles, os gêneros literários..., pois a verdade é apresentada e expressa de maneiras diferentes nos textos...”⁷.

“A Sagrada Escritura deve também ser lida e interpretada com a ajuda daquele mesmo Espírito em que foi escrita. O Concílio Vaticano II indica três critérios para uma interpretação conforme o Espírito que a inspirou:

- 1) Prestar muita atenção ao conteúdo e à unidade da Escritura inteira... (Lc 24.25-27,44-47);
- 2) Ler a Escritura dentro da Tradição viva da Igreja inteira: ‘a sagrada Escritura está escrita mais no coração da Igreja do que nos instrumentos materiais’;
- 3) Estar atento ‘à analogia da fé’,... a coesão das verdades da fé entre si e no projeto total da Revelação”⁸.

¹ CIC 85

² CIC 88

³ CIC 92

⁴ CIC 77

⁵ CIC 78

⁶ CIC 105-107

⁷ CIC 110

⁸ CIC 111-114 – a citação no item 2 é de Hilário de Poitiers, *Liber ad Constantium imperatorem*, 9.

Os sentidos da Escritura

“Segundo uma antiga tradição, podemos distinguir dois sentidos da Escritura: o literal e o espiritual, este subdividido em alegórico⁹, moral¹⁰ e anagógico^{11»12}.

“O *sentido literal* é o significado pelas palavras da Escritura e descoberto pela exegese que segue as regras da interpretação. ‘Todos os sentidos devem estar fundados no literal’”¹³.

“O *sentido espiritual*. Graças à unidade do projeto de Deus, não somente o texto da Escritura, mas também as realidades e acontecimentos de que ele fala, podem ser sinais”¹⁴.

“É dever dos exegetas esforçar-se, dentro destas diretrizes, por entender e expor com maior aprofundamento o sentido da Sagrada Escritura, a fim de que, por seu trabalho como que preparatório, amadureça o julgamento da Igreja. Pois todas estas coisas que concernem à maneira de interpretar a Escritura estão sujeitas em última instância, ao juízo da Igreja, que exerce o divino ministério e mandato do guardar e interpretar a Palavra de Deus”¹⁵.

Sola Scriptura¹⁶

Por *Sola Scriptura* os Protestantes entendem que a *Escritura somente* é a primária e absoluta fonte de autoridade, para todas as questões de doutrina e prática (fé e moral). Os católicos muitas vezes entendem que este princípio exclui qualquer verdade fora da Bíblia, o que é falso, como revelado por Lutero “convencido pelos testemunhos da Escritura *ou razão evidente*”. A revelação geral de Deus é declarada nos céus (Sl 19.1) e inscrita no coração humano (Rm 2.12-15), mas é insuficiente para as questões de fé e moral, principalmente para a Salvação.

Sola Scriptura implica em:

- 1) a Bíblia é a revelação direta de Deus e, como tal, tem autoridade divina, pois o que a Bíblia fala, Deus fala;
- 2) a Escritura é suficiente, é tudo o que é necessário para definir fé e moral;
- 3) somente a Bíblia é infallível (não implica em rejeitar a Tradição, mas considerá-la passível de erro);
- 4) a Bíblia é clara;
- 5) a Escritura interpreta a Escritura; quando há dificuldade de se entender um texto, nós devemos recorrer a outros textos bíblicos, para interpretá-los.

⁹ “Adquirir uma compreensão mais profunda dos acontecimentos reconhecendo sua significação em Cristo; assim, a travessia do Mar Vermelho é um sinal da vitória em Cristo, e também do Batismo”, CIC 117, 1, citando 1Cor 10,2.

¹⁰ “Os acontecimentos relatados na Escritura devem nos conduzir a um justo agir. Eles foram escritos ‘para nossa instrução’ (1Cor 10,11)”, CIC 117, 2.

¹¹ “Ver realidades e acontecimentos em sua significação eterna... A Igreja na terra é sinal da Jerusalém celeste (Ap21,1-22,5)”, CIC 117, 3.

¹² CIC 115

¹³ CIC 116, citando Tomás de Aquino, Summa Theologica I, 1, 10, ad 1.

¹⁴ CIC 117

¹⁵ CIC 119

¹⁶ Adaptado de Geisler & MacKenzie, págs. 178-179.

Argumentos Apresentados contra <i>Sola Scriptura</i> ¹⁷	Respostas
A Bíblia não ensina <i>Sola Scriptura</i> em lugar algum	
A Bíblia ensina que as tradições devem ser seguidas (2Ts 2.15; 3.6)	
A Bíblia declara a preferência pela tradição (3Jo 13)	
A Bíblia não pode ser entendida adequadamente sem a tradição	
Tradição e Escritura são inseparáveis	
Excluir a tradição é autocontraditório	
Excluir a tradição viola o princípio da causalidade	
Rejeitar a tradição conduz ao denominacionalismo	
Rejeitar a tradição é contrário à História	

Argumentos dos Protestantes contra a Infallibilidade da Tradição¹⁸

- Tradições não são confiáveis;
- Existem tradições contraditórias;
- O uso católico-romano das tradições é inconsistente.

¹⁷ Adaptado de Geisler & MacKenzie, págs. 182-183; respostas nas págs. 184-194.

¹⁸ Idem, págs. 194-199.

Argumentos contra a Sucessão Apostólica

Argumentos de Agostinho e Tomás de Aquino a favor de *Sola Scriptura*

“Nos inúmeros livros escritos posteriormente podemos às vezes encontrar as mesmas verdades da Escritura, mas não há a mesma autoridade. A Escritura tem um caráter sagrado que lhe é peculiar”¹⁹.

“Nós cremos em sucessores dos apóstolos e profetas somente enquanto eles ensinam aquilo que os apóstolos e profetas deixaram em seus escritos”²⁰.

“É herético dizer que qualquer falsidade está contida nos Evangelhos ou em qualquer escritura canônica”²¹.

¹⁹ Agostinho, Resposta a Fausto 11.5, citado em Geisler & MacKenzie, pág. 200.

²⁰ Tomás de Aquino, Da Verdade XIV, 10, ad 11, citado em Geisler & MacKenzie, pág. 201.

²¹ Tomás de Aquino, Comentário no Livro de Jó, 13, citado em Geisler & MacKenzie, pág. 201.

Respostas da Apostila 2 – página 11

- 1) *A Bíblia ensina **Sola Scriptura**.* Como os teólogos católicos reconhecem, a Escritura não ensina explicitamente algumas doutrinas, às quais chegamos através de uma dedução lógica necessária. Por exemplo, a doutrina da Trindade não é declarada formalmente, mas podemos demonstrá-la através de dedução (veremos na aula 3). Isto não significa que os filósofos e teólogos não desempenhem algum papel em expressar e defender esta verdade. É apenas observar que a doutrina da Trindade é válida, porquanto baseada na *Escritura somente*.
A Bíblia declara que “toda a Escritura é inspirada por Deus” e “útil” para um crente ser “perfeito para toda boa obra” (2Tm 3.16-17). Sendo suficiente, nada mais é necessário. Contrário a alguns apologetas católicos, limitar a “Escritura” deste texto ao AT é errôneo, porque o NT também é chamado de Escritura (2Pe 3.15-16) e citado como tal (1Tm 5.18; cf. Lc 10.7).
Jesus e os apóstolos constantemente apelaram para a Escritura, usando em várias ocasiões a frase introdutória “está escrito”.
A Bíblia nos adverte a “não ultrapassar o que está escrito” (1Co 4.6; Pv 30.5-6; Ap 22.18-19). Como Jesus declarou (Mt 15.3-6), a tradição às vezes adiciona às palavras da Escritura doutrinas (ensinos) que tornam vazio o que a Escritura afirma.
A Bíblia ensina que é revelação de Deus, em oposição a palavras humanas (Gl 1.12; cf. 1Co 2.11-13).
Finalmente, embora a revelação escrita tenha sido progressiva, tanto Católicos, quanto Evangélicos concordam que a revelação normativa de Deus se encerrou com o NT. Jesus disse aos apóstolos que o ES “os [os apóstolos, não seus ‘sucessores’] *guiaria* a toda verdade” (Jo 16.13), e para ser um apóstolo era necessário ser testemunha ocular do Cristo ressurreto (At 1.22; 1Co 9.11; 15.4-8).
- 2) *Todas as “tradições” apostólicas estão na Bíblia.* É verdade que o NT fala em ensinamentos dos apóstolos como orais ou escritos. Isto ocorre porque eles eram autoridades vivas na época, estabelecidos por Cristo (Mt 18.18; At 2.42; Ef 2.20). Os ensinamentos dos apóstolos que eram revelações de Deus foram escritos, e são inspirados e infalíveis.
A Bíblia é clara quanto a Deus desejar desde o início manter registros escritos de suas revelações normativas e preservá-las para as gerações futuras (Ex 24.4; Dt 28.69; 31.26; Js 24.25-26; cf. 1.7; 1Sm 10.25; Is 8.1; 30.8; Dn 9.2; Mt 4.4,7,10 e 90x no NT).
Das 13 ocorrências da palavra “Tradição” (grego: παραδοσις *paradosis*, “entrega”), em oito Jesus a classifica negativamente (Mt 15.2,3,6; Mc 7.3,5,8,9,13), Paulo também o faz em Gl 1.14; Cl 2.8. Apenas nos textos de 2Ts e de 1Co 11.2, Paulo se refere ao seu ensino oral.¹
- 3) *A Bíblia não declara preferência pela tradição oral.* A citação de 3Jo 13 é o típico exemplo de usar um texto fora de seu contexto. Ao ler o verso 14, percebemos que João tinha o desejo de visitá-los.
- 4) *A Bíblia é clara, separada das tradições.* A Bíblia é clara sem o auxílio de tradições para nos ajudar a entendê-las. Isto não significa que é absolutamente clara em tudo, mas suficientemente clara em todas as doutrinas essenciais para a salvação. Isto também não significa que aqueles que não querem “receber” a mensagem não permanecerão cegos (1Co 2.14; cf. Rm 1.18,21; 2Co 4.3-4). Jesus disse que somente aquele que “escolhe [quiser, decidir] fazer a vontade de Deus conhecerá se Meu ensino é de Deus” (Jo 7.17).
- 5) *Tradição e Escritura não são inseparáveis.* A própria ilustração de Kreeft, do cavaleiro (Escritura) e cavaleiro (Tradição), sugere a separação. Mesmo que seja garantido que sejam inseparáveis, a inferência católica de que sua Tradição é infalível é infundada. Os protestantes aceitam a Tradição, mas não sua infalibilidade.
- 6) Ver item 7.
- 7) *O princípio da causalidade não é violado.* O argumento de Kreeft é inválido por se basear em uma falsa premissa: que o cânon foi determinado pela Igreja (baseado no concílio Vaticano II). A Igreja meramente descobriu quais livros Deus determinou (inspirou) para estar no cânon. “Uma coisa deve ser declarada enfaticamente: os livros do NT não se tornaram normativos para a Igreja porque ela a incluiu em uma lista

¹ Para maiores detalhes, ver McCarthy, appendix D, págs. 341-344.

canônica; ao contrário, a Igreja os incluiu em seu cânon porque já os tinha reconhecido como divinamente inspirados”².

- 8) *A rejeição da tradição não é escândalo.* O argumento implica que todo denominacionalismo é escandaloso. Se a denominação não nega as doutrinas essenciais da fé cristã e a unidade espiritual, em contraste com a mera uniformidade organizacional, não é escândalo. Jesus declarou: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13.35); e não se pertencerem à mesma organização eclesiástica.
- 9) Rejeitar a tradição não é contrário à História. O argumento de que os primeiros cristãos não tinham a Escritura, mas somente a Igreja é falho, pois:
 - a) os primeiros cristãos tinham a Escritura (o Antigo Testamento; cf. Rm 15.4; 1Co 10.6; 2Tm 3.15-17);
 - b) eles ainda não precisavam da forma escrita – eles ainda tinham os apóstolos para os ensinar!
 - c) Assume-se a premissa da Sucessão Apostólica.

Ler também 2Pe 1.19-21!

Respostas da Apostila 2 – página 12

“Um Apóstolo é alguém enviado numa missão específica, na qual age com plena autoridade em favor de quem o enviou, e que presta contas a este”³.

“O Bispo Drury afirma que os apóstolos deixaram três coisas antes de partirem: seus escritos; as igrejas que tinham fundado, instruído e regulamentado; e as várias ordens de ministros para governar essas igrejas. Não poderia haver mais apóstolos no sentido original daquela palavra. O verdadeiro sucessor do apostolado é o próprio NT, pois é quem continua o ministério deles dentro da igreja de Deus. O ofício deles era incomunicável”⁴.

² F. F. Bruce, citado em Geisler & MacKenzie, págs. 192-193.

³ E. F. Harrison, verbete “Apóstolo”, em “Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã”, editor Walter A. Elwell, Edições Vida Nova, volume I, págs. 102-104.

⁴ R. E. Higginson, verbete “Sucessão Apostólica”, na mesma obra, volume III, pág. 423.